

João Luís Barreto Guimarães

poesia reunida

posfácio de Eucanaã Ferraz



QUETZAL poesia | João Luís Barreto Guimarães

poesia reunida



Teresa e Francisca

*O quotidiano
é ainda um discurso (Rodrigues & Rodrigues Alfaiates).*

JOÃO MIGUEL FERNANDES JORGE

há violinos na tribo

(1989)



*No espero a nadie
e insisto en que alguien tiene que llegar.*

JOSÉ LEZAMA LIMA

lado um
manual do engano
a meus pais

estamos dentro dos dias eu: na cidade do mar hoje é Dezembro quase Natal quase partilha conheço alguns que têm contribuído para a construção da Terra (oh peço perdão: desculpem mas nunca trago trocado comigo). edificamos barreiras nos dias

(a nossa pequena história) reconhecemos os nossos passos desejamos o corpo dos amigos por entre mesas de taberna entre a sangria e o mimo: vivemos dentro do tempo. na hora de todas as coisas para onde vamos? alguém nos irá julgar? talvez

não seja esse o momento final (as partidas foram feitas para se poder regressar). vivemos para o eterno tentando convencer um deus deuses assim têm um tempo de humanos. passamos ao lado

dos barcos (o tempo avança por sílabas) pode parecer estranho escrever assim mas é quase manhã e nenhuma voz confessou ainda quem foi que deu o desfalque no meu coração

bom dia bom dia: sou aquele teu amigo quantas luas
conhecemos desde mil970 e tal? num quadrado perfeito
todos os ângulos são iguais (o pátio da escola) e

sabes? o sol nem sempre se põe pelo atalho mais curto
os dias consomem-se (tão) como fogo nem a própria
sombra reconheces. vamos ver (fala o sacristão:)
«quem tirou as hóstias da latinha de cima do armário?»

hoje nada sei de ti: vejo-te sentado a uma mesa de Café
(confirmando no rótulo da garrafa os ingredientes dessa
poção de nuvens) momento de pausa ou falta de Verão?
(como quem fala do problema de ter ou não ter amarras)

crescer: resta-nos a tímida consolação de com os dedos
podermos fazer (quase) tudo e ter nos olhos silêncios
e razões inventadas entre dunas (e matos)

cheguei há pouco do amor (cidade de gaivotas loucas e
luzes cegas). não concordas? eu sei bem sei: vês as coisas
como falésias altas e impossíveis como ameias. cheguei há
pouco do amor e trago comigo esse discurso aprendiz:

o idealismo. desculpe: o que pensa destas palavras do
recomeço desse caminho as dóceis letras da promessa?
perdão perdão: há que passar para o outro lado (uma

dúvida de cada vez). se bem me lembro em pequeno
as cigarras podiam ser domesticadas e cada adeus era
um veneno. obrigado obrigado: também me pareceu

ser essa a sua opinião. cheguei há pouco do amor e
vejo as certezas do mundo como uma ilusão. receio
pelo eterno procuro a fantasia mas: é sempre no ventre
dessas gaivotas que se dão os primeiros beijos

este é o momento da Terra quando o riso nasce perto de
casa quando procuras no silêncio de um papel os sentidos
segurança que sempre sabes perto dos dedos se necessário.

este é o instante para falar de luz do sopro de fé embora
investir nalgumas ideias possa ser um engano: deixar a
mente disponível a correções. o que distingue a nascente
do riacho meus amigos é a palavra: língua por onde a

água vai deixando espaços ou coisas de rima e ritmo.
e o que fazer aos pensamentos? (excesso de lugares
comuns: local do movimento dos frutos) vejamos
então as coisas: este é o momento da Terra pois assim

é o ninho do mundo hoje pedra amanhã coluna ficando
templo falando já em catedral. repito: este é o tempo dos
frutos tempo de se ser feliz nunca muito longe (do corpo)

podia um dia ter escrito o poema da não-existência
de uma fronteira fluida para lá da textura própria das
casas mas há marés mais altas passando perto do
tempo e escuta: eu nunca vi sequer um gato a nadar.

não sei que idade tem Portugal não conheço ainda os
sítios geográficos da paixão não vi mais do que uma
exposição de Armanda Passos: muito desconheço portanto.

(é natural que como eu ele recuse a partida: ontem
conheceu Sofia hoje experimentará *lasagna* ao jantar
amanhã aprenderá a contar até dez em alemão)

esquece tu também um a um os atalhos da passagem
para o outro lado: o terramoto de Lisboa foi em 1700 e
qualquer coisa e tu estás aí e não me fazes nada não
me abraças não me beijas não sorris então? espero

se te falo que não há outro rio antes do abismo
que é por esse que os ventos fogem do cais
se te digo que sei de toda a verdade embora a
não pratique (porcelanas orlas de floresta a voz)

tu dizes: levei muito tempo a perceber que as coisas
vivem. não podendo mais enganar os dias porque
não saber hoje mesmo o nome de todas as aves?

é já outro o Verão que se aproxima e penso: é
difícil decorar o rosto de novos amigos pois
sinto ainda o lago a navalha e digo que: é como

se não houvesse outra Primavera a espalhar pelo
corpo como se a solidão mergulhasse num longo
oceano (percorrendo cada palavra) traçando em
restos de areia o perfil exacto do desejo ou

Porto três de Agosto etc.: telefonei-te hoje Francisco Miguel. era para a magia e o amendoim (ganho bem posso dar-me a esses luxos) não estavas. voltarás? algo assim como o sol tinha-te levado para outra rua.

aprendi figuras de estilo: melhorei a minha poesia. mesmo esta outra força que trago agora comigo já não é apenas minha (ela estuda latim e outros assombros da vida cismou que não vai ler Saramago: imagina).

converteste-te ao budismo (conta-me agora Sofia) meu caro: nasci ontem neste círculo de vidas ainda não fez uma hora já aprendi a matar neste mundo.

rimo-nos destes breves momentos de ilusão deste azul suave deste verde brando mas vamos passando os dias a sonhar (até ver) rimo-nos até ver até ver

parecia uma luz líquida que por vezes surge sem se pedir (o espaço receio que sobra pelos nossos olhos) labirinto de coisas parecia o movimento local da brisa todo o trabalho ave da água liberta.

parecia claro sobre a madeira e por arder em cores parecia o mundo em certos dias mas o som crescia: as velas libertas deixavam sinais da longa espera das flores sobre uma onda de sal madura (e cristal).

nunca a plena transparência do mundo compreenderá
esse sinal (nunca o compreenderá) nunca a plena
memória do mundo poderá compreender esse sinal.

não que cada Verão (cada distância ao coração) seja uma
janela (dois sorrisos) mas nem que mude o sentido das
chuvas sempre os muros serão espuma e o frio: riso

traz as tuas noções para esta mesa e começa: que
diria L. da alma? os rios serão os vales de amanhã e
a tua longa sabedoria fica-se por aqui. «mostrem-me

onde está na ponta deste bisturi: a alma» e dás
contigo na procura de águas para pousar no teu rio
(no rio da tua alma bem entendido) o que é normal
acontecer é trazeres contigo um mandado de captura

para o amor. aqui não existe qualquer sentido para
as coisas. o amor é algo que não tenho hoje bem presente
mas que tem a ver com sorrisos e gestos (escolhidos)

alguma vez há-de terminar esse poema. que horas
trazes? agora lembro: o amor é uma alma grande
e cheia e o rio vai falando que a alma só terá lugar
nesse corpo de fogo se tu assim o pedires

hei-de um dia levar-te a ver o sol do qual
conheço todas as cores: amarelo etc. pensamos
que as coisas existem mas segunda-feira traz
linhas de voo à liberdade da imaginação.

por um instante pensei no sol como algo eterno
desconhecido mas um dia (digo) um dia algum:
hei-de levar-te a ver o rio. fechamos os olhos
ao usual (esquecemos a diferença mas:) alguém

sabe quantos quadros pintou Picasso ou Resende
ou Van Gogh? quanto pesa a Torre dos Clérigos?
mas também: quantas são as cores do arco-íris?

a forma de todas as pedras? não há desculpa
para a rotina nem remédio para o ritual: hei-de
um dia levar-te a ver o sul o sol um dia

para quê falar da Terra se mesmo o corpo vem sempre
imóvel (qualquer que seja a razão o horizonte) se a
substância é dentro do ventre se o rosto tem outro lugar?

para quê esperar o único momento se a idade não
se importa (quando o brilho nos olhos não é normal)
se a solidão é impossível chama longa quente que
por arder sempre liberta os olhos nesse lugar?

não sei o que te traz a sonhar mas é algo que dói:
o desafio. se são sinais o que tens e não um adeus
se me pedes para explicar porquê esta massa
parada: por quem então fazer frente ao tempo?

talvez isto tenha a ver com viver falando do facto
de estares aqui porque sabes? de novo querer vale
muito mais do que a espera que vem daí

é preciso perguntar pela perfeição quando nesse silêncio
desembarcam palavras (escrever letras colher flores)
é preciso perguntar pela fronteira quando em pétalas
de begónia se esconde a linha que separa essas cidades.

assim mesmo não existe muito tempo para cuidar da
Terra. Luís e eu somos amigos: falamos frequentemente
desses semi-inatingíveis (perder o lugar das coisas
ganhar o silêncio do sítio por elas desocupado).

nunca entendi muito de chuvas mas eis o Inverno
no Inverno passo por cima destes pequenos problemas
esqueço por isso a pergunta: qual a regra do acaso?

há muito tempo que a chuva para cair pede licença e
pousar palavras em certezas é o risco. na seiva dessas
plantas reconheces pinheiros ou apenas erva daninha?

quando a mão é o espaço fogo do frio o tecido
em equilíbrio vivo com a diferença entre a
sombra e o silêncio o limite entre a evidência e
a surpresa ou o privilégio de ter esses frutos